



EMPIRE and TOURISM

AN ANTHOLOGY OF ESSAYS

COORD.

Maria João Castro

LISBON
2019



IMPÉRIO e TURISMO

ANTOLOGIA DE ENSAIOS

COORD.

Maria João Castro

LISBOA
2019



TÍTULO/TITLE

Império & Turismo. Antologia de Ensaios
Empire & Tourism. An Anthology of Essays

COORDENAÇÃO/COORDENATION

Maria João Castro

BOOK DESIGN/GRAFISMO

Pedro Serpa

EDIÇÃO/EDITION

ArTravel

APOIO/SPONSOR

CHAM | FCT

IMPRESSÃO/PRINTED AT

Gráfica 99

Capa a partir de folheto da Exposição Colonial do Porto 1934 e de
folheto das Pousadas-Portugal — Edição SNI

1.ª EDIÇÃO: ABRIL 2019

ISBN: 978-989-99719-2-9

DEP. LEGAL: 452248/19

Nota Introdutória e texto da contracapa traduzidos por Vanessa Boutefeu e financiados pelo CHAM.

This book had the support of CHAM (FCSH/NOVA-UAc), through the strategic
projected sponsored by FCT (UID/HIS/04666/2019).

CHAM | Centro de Humanidades — Centre for the Humanities NOVA FCSH — UAc

Projecto estratégico (UID/HIS/04666/2019)



COLEÇÃO ARTRAVEL V



ÍNDICE

Nota introdutória / Introductory note	7/9
---	-----

PARTE I

Guilherme d'Oliveira Martins	13
<i>Do «Grand Tour» aos exploradores modernos</i>	
Alexandre Ramos	17
<i>Angola Pullman e outras viagens cinematográficas</i>	
<i>nos Caminhos de Ferro de Benguela</i>	
Célia Reis	27
<i>Propostas Turísticas em Macau no primeiro quarto do século xx</i>	
Emília Ferreira	35
<i>Entre ilhas e piratas. Abordagem ao lado b do pensamento imperial</i>	
Eunice Duarte / Fernando Vasques Felizardo	47
<i>À descoberta do Império Colonial Português. Do passado ao presente</i>	
Francisco Silva	57
<i>Turismo em Angola: Desenvolvimento sustentado</i>	
<i>do Parque Nacional do Iona</i>	
Joana Lucas	73
<i>Império e Turismo: a «missão civilizadora»</i>	
<i>francesa entre as colónias e a metrópole</i>	
Nuno Abranja	81
<i>Turismo e cooperação: fatores essenciais para potenciar</i>	
<i>o desenvolvimento de um «turismo colonial».</i>	

Rui Zink	91
<i>Desculpe, não vi</i>	
Sílvia Espírito-Santo	103
<i>O 1º Cruzeiro de Estudantes às Colónias (1935)</i>	
— « <i>uma excursão onde havia de tudo</i> »	
Vítor Sá	113
<i>As colónias portuguesas e o turismo: a visão dos guias de turismo</i>	
PARTE II	
Geoffrey Quilley	125
<i>Empire and Tourism in British India c. 1780-1825:</i>	
<i>The Artistic Travels of William Hodges and Charles Ramus Forrest</i>	
Sarah Ligner	141
<i>Participations des Artistes à l'image touristique de l'empire colonial français</i>	
Andreja Trdina / Salla Jutila	155
<i>'Repackaging' empire: neo-colonial discourse of alternative travellers</i>	
Monica Palmeri	167
<i>A «truly Italian» colony: the promotion of tourism</i>	
<i>during the Italian Fascist dictatorship</i>	
Pieter François	175
<i>Demetrius Boulger and how the debate on Leopold II's</i>	
<i>rule of the Congo Free State changed British perceptions of Belgium</i>	
Sílvia Espírito-Santo	183
<i>The 1st Student Cruise to the Colonies (1935): 'A Multi-Faceted Excursion'</i>	
NOTAS / NOTES	193

IMPÉRIO E TURISMO: A ‘MISSÃO CIVILIZADORA’ FRANCESA ENTRE AS COLÓNIAS E A METRÓPOLE

JOANA LUCAS

CRIA – NOVA/FCSH

Ao longo deste texto irei focar-me sobre o turismo promovido para os territórios sob administração colonial francesa, e nele procurarei focar-me sobre as práticas e os discursos do turismo em contexto colonial¹. Reflectirei igualmente sobre a estratégia levada a cabo pela França enquanto potência colonial, que embora concebesse alguns dos seus territórios ultramarinos enquanto destinos turísticos logo a partir da segunda metade do século XIX (fundamentalmente a Argélia), apenas mobilizou semelhante estratégia para os seus territórios da África Ocidental algumas décadas mais tarde (Dulucq, 2009).

Será igualmente importante não perder de vista as práticas turísticas metropolitanas, considerando que estas poderão dar pistas sobre a forma como foi concebido e mobilizado um discurso de promoção turística para os territórios coloniais franceses, problematizando as conexões entre turismo colonial, Império e identidade nacional. Como tal, analisarei o turismo como construção social (Burns 2004), mas também enquanto dispositivo privilegiado dos desígnios imperiais e seu importante veículo de propaganda, análise ao longo da qual prestarei sobretudo atenção à forma como este se constituiu enquanto vitrina da «missão civilizadora» francesa:

[...] le tourisme s’inscrit parfaitement dans le dispositif impérial: il est considéré comme une vitrine de l’œuvre française, une utile propagande de ses réalisations, la démonstration de sa capacité à sauvegarder et à

mettre en valeur les richesses historiques et naturelles du pays, mais également comme un moyen de croissance économique. (Zytnicki, 2013: 113).

Para esta reflexão parto da premissa da existência e concomitância de distintos *habitus* coloniais (Correa, 2011), mobilizados pelas diferentes potências europeias face aos seus territórios ultramarinos,² e acredito que o estudo e a percepção das formas como estes mesmos *habitus* foram instituídos pode contribuir para o conhecimento de diferentes práticas imperiais.

Entendo que o estudo do turismo enquanto dispositivo imperial, ou melhor: a promoção turística enquanto instrumento dos desígnios imperiais, se constitui a partir de *especificidades* metropolitanas que nos poderão dar pistas sobre a forma como os vários impérios coloniais dos séculos XIX e XX se relacionavam com os territórios coloniais. Através do estudo das práticas turísticas coloniais, i.e da sua *mise en scène*, poderá aferir-se da *qualidade* e da natureza da relação entre metrópole e colónias.

O recente trabalho de Cardeira da Silva e Oliveira (2013) sobre as práticas turísticas portuguesas nas colónias (circunscritas ao estudo de caso sobre o «Primeiro Cruzeiro de Férias às Colónias»), ou os trabalhos de McLaren (2004 e 2006) e Hom (2012) sobre o turismo colonial na Líbia e na Albânia sob domínio italiano, e ainda de Pirie (2009), Anderson (2012), Sacareau (2013), Steward (2004), Gregory (1999, 2001), entre outros, sobre o turismo no império colonial britânico, poderão contribuir para iluminar uma reflexão comparativa sobre a *praxis* colonial dos principais impérios europeus.

Para o caso que aqui nos ocupa — o do Império Colonial francês — pretendo identificar as especificidades e singularidades relativas à constituição e consolidação de um *habitus colonial* presente nos discursos e nas práticas da metrópole francesa relativos aos seus territórios ultramarinos, manifesto aqui na forma como estes foram construídos e promovidos enquanto destinos turísticos.

Numa primeira leitura há que atentar que no contexto francês o turismo colonial foi frequentemente promovido como um *dever* que deveria ser cumprido pelos cidadãos nacionais, e entendido como uma forma privi-

legiada de contacto com os benefícios da acção civilizadora, funcionando nesse sentido como um dispositivo legitimador da presença francesa nos territórios ultramarinos:

Colonial tourism was represented as a duty for French citizens, a vehicle for tourists to educate themselves about the 'facts' of colonialism and the 'good news' of France civilizing mission through firsthand experiences. Evidencing a distinct pedagogical intention, colonial tourism as a *leçon* was meant to validate and affirm not only the *idée* colonial but also the colonial project of the French imperial nation-state. (Furlough, 2002: 443)

Como tal, o estudo do turismo em situação colonial, constituindo-se enquanto vasto campo por explorar no contexto das ex-colónias europeias, transforma os territórios coloniais em *pleasure peripheries*, a partir da formulação de Turner e Ash (1976),³ dotando-os simultaneamente de novos e mais densos significados enquanto territórios em relação (política, administrativa, simbólica) com uma metrópole.

Concomitantemente será necessário prestar atenção às alterações consideráveis relativas às práticas turísticas da população francesa, sobretudo a partir do início do século xx, entre as quais: reconfiguração dos tempos de lazer (Corbin, 1995), democratização dos meios de transporte (entre os quais a massificação do uso do automóvel), férias pagas (Alexander e Graham, 1989), criação de organizações de organização dos tempos livres (Corbin, 1995), sem esquecer as duas guerras mundiais, acontecimentos que marcaram inequivocamente as práticas turísticas na metrópole e nos territórios coloniais.

Os vinte e um anos que separam as duas guerras mundiais foram essenciais para o florescimento do turismo nas colónias. Em França as Exposições Coloniais de 1922 e de 1931 revelavam as dimensões humanas da alteridade ao reproduzirem os *habitats* e as práticas culturais dos povos colonizados. A estruturação cada vez mais sofisticada da actividade turística em território metropolitano veio a reflectir-se na tentativa de estruturação da mesma

nos territórios coloniais sob administração francesa. A desmultiplicação de organizações centrais no desenvolvimento e na democratização do turismo metropolitano para os territórios coloniais é disso sintomática, como foi o caso do *Touring Club de France* que passa a promover a partir de 1930 roteiros para alguns territórios coloniais,⁴ retirando o exclusivo da promoção do turismo nas colónias às organizações governamentais.

É certo que alguns destinos tiveram mais sucesso que outros, e aqui não foram só as facilidades logísticas que pesaram. Veja-se o caso da Indochina e as suas luxuosas estruturas turísticas durante o período colonial, algo que se traduz aliás na produção de diversos estudos sobre o turismo colonial no território (Lemaire 2010; Jennings 2003), e o caso — contrastante — da Argélia, onde, apesar da proximidade geográfica e do investimento da administração colonial para o seu êxito enquanto destino turístico, este nunca alcançou os objectivos pretendidos (Zytnicki, 2013).⁵

Paralelamente importa caracterizar e contextualizar uma *leisure class* (Veblen 1899; MacCannel 1976) emergente na metrópole francesa do início do século xx (Bertho Lavenir 1999; Réau 2011), através das suas práticas turísticas em mutação — as férias pagas introduzidas pelo *Front Populaire* na década de 1930 são disso um importante exemplo (Alexander e Graham 1989; Green 2002).

É nos primeiros anos do século xx que começam a surgir esboços de um discurso que, embora timidamente, dava os primeiros passos na promoção dos territórios da África Ocidental Francesa enquanto espaços de lazer.⁶ À semelhança do que é referido por Colette Zytnicki para o território argelino, o turismo na África Ocidental Francesa foi uma criação colectiva que envolveu forças económicas e políticas, unidas na sua ambição de fazer conhecer, legitimar e desenvolver a acção da França nos territórios da África Ocidental Francesa (Zytnicki 2013, 113).

Com o reconhecimento do território e o consequente mapeamento colonial dados como tarefas concluídas, o século xx caracteriza-se nos territórios coloniais franceses não só por um discurso renovado — as colónias tornadas ‘aliadas’ comerciais da metrópole — mas também por uma

'democratização' do conhecimento sobre os mesmos. Se estes territórios foram sendo desmistificados em relação à sua alteridade eventualmente *radical*, foram também, concomitantemente, sendo constituídos enquanto territórios 'familiares'.

Com a consolidação do Império Colonial Francês começam a estabelecer-se nas colónias contingentes de funcionários da administração colonial, assim como militares e comerciantes. É em parte esta nova realidade populacional que vai contribuir para algumas transformações a nível logístico nos territórios coloniais, através da construção de estradas, alojamentos e estabelecimentos comerciais, assim como a ampliação e consolidação de uma até então insipiente rede de transportes.

Terão sido em grande medida as Exposições Universais e Coloniais, bem como a já referida relativa democratização das possibilidades de realização do *Grand Tour*⁷ (que entretanto também havia esgotado o exotismo das 'periferias' europeias) que contribuíram para tornar mais concretas e palpáveis as possibilidades de realização de viagens turísticas aos territórios coloniais.

Apesar do apregoado 'realismo' das Exposições Coloniais, e da possibilidade que uma visita a estas exposições pudesse substituir a experiência de uma verdadeira viagem, os defensores do turismo colonial tudo fizeram para que as Exposições Coloniais fossem igualmente locais de promoção de viagens reais às colónias:

Despite claims by Europeans that attending the exposition was akin to the experience of actual travel to the colonies, advocates of colonial tourism saw things differently. A tourism office at the information provided materials on destinations and attractions for those interested in traveling to the places they had recently «visited» at the expositions. (Furlough, 2002: 449).

Além das razões acima mencionadas, acredito no entanto que o princípio instigador que terá conduzido à estruturação de uma actividade turística nos territórios coloniais terá sido alimentado pela administração e gestão

efectiva que as metrópoles europeias faziam das colónias «pacificadas» ou em vias de «pacificação», i.e.: uma presença quotidiana e permanente no terreno.

De facto os territórios africanos sob administração colonial francesa passaram a ser percebidos como uma espécie de extensões do território francês (ideia enfatizada sobretudo para os casos da Argélia e da Tunísia dada a real proximidade geográfica) e como tal tornaram-se automaticamente mais ‘seguros’, familiares e circunscritos, isto é, os seus limites e as suas fronteiras — bem como os seus habitantes — deixaram de ser incógnitos e assustadores.

Esta ideia de familiaridade e de controlo dos territórios africanos — e a própria ideia de continuidade e de ampliação imperial do território francês para lá das fronteiras europeias — veio operar transformações consideráveis na forma como os territórios africanos eram concebidos pelos habitantes da metrópole. Estes passaram a fazer parte de um imaginário alimentado por um real desejo de contacto com um exotismo que deixou de ser perigoso ou ameaçador, para passarem a ser percebidos como detentores de um exotismo domesticado e/ou dominado (mas não o suficiente para deixar de ser exótico) graças às políticas de dominação colonial e à «missão civilizadora» francesa.

Assim, as colónias ao passarem a estar sob controlo efectivo dos impérios coloniais, passaram também a ser descritas como fazendo parte de um sistema de referências — culturais e espaciais — inteligível para qualquer habitante da metrópole, apesar de transportarem consigo uma inevitável, e desejável, alteridade. É o uso de uma linguagem que se pretendia universal que vai tornar possível um discurso sobre a alteridade enquanto ‘produto’ e que será ao mesmo tempo o embrião de uma actividade turística nestes territórios, que previamente foram domesticados e transformados em lugares familiares.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Martin; GRAHAM. 1989. *The French and Spanish Popular Fronts, Comparative Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ANDERSON, Martin. 2012. The development of British tourism in Egypt, 1815 to 1850. *Journal of Tourism History*, Vol. 4 Issue 3: 259-279.
- BERTHO-LAVENIR, Catherine. 1999. *La route et le stylo. Comment nous sommes devenues touristes*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- BURNS, Peter. 2004. Six postcards from Arabia: A visual discourse of colonial travels in the Orient. *Tourist Studies*, Vol. 4 (3): 255-275.
- CARDEIRA DA SILVA, Maria e Sandra OLIVEIRA. 2013. «O primeiro cruzeiro de férias às Colónias». In *Castelos a Bombordo*, organização de Maria Cardeira da Silva, 261-284. Lisboa: CRIA.
- COOPER, Frederick, e Ann Laura STOLER. 1997. *Tensions of Empire, Colonial Cultures in a Bourgeois World*. Berkeley: University of California Press.
- CORBIN, Alain. 1995. *L'avènement des loisirs 1850-1960*. Paris: Aubier.
- CORREA, Sílvio. 2011. «Caça e preservação da vida selvagem na África Colonial». *Revista Esboços*, Vol.18, n.º 25: 164-183.
- DULUCQ, Sophie. 2009. «'Découvrir l'âme africaine'. Le temps obscurs du tourisme culturel en Afrique coloniale française (années 1920-années 1950)». *Cahiers d'Etudes Africaines*, n.º 193-194, 2009/1-2: 27-48.
- FURLOUGH, Ellen. 2002. «'Une leçon des choses: Tourism, Empire, and the Nation in Interwar France'». *French Historical Studies*, Vol.25, n.º 3: 441-473.
- GREEN, Nancy. 2002. «The Comparative Gaze: Travelers in France before the Era of Mass Tourism». *French Historical Studies*, Vol. 25, n.º 3: 423-440.
- GREGORY, D. (1999). Scripting Egypt: Orientalism and the cultures of travel. In James Duncan and Derek Gregory (eds.), *Writes of Passage: Reading Travel Writing*. London and New York: Routledge
- GREGORY, Derek. 2001. «Colonial Nostalgia and Cultures of Travel: Spaces of Constructed Visibility in Egypt». In *Consuming Tradition, Manufacturing Heritage: Global norms and urban forms in the age of tourism*, editado por Nezar AlSayyad. New York: Routledge.
- HOM, Stephanie. 2012. «Empires of tourism: travel and rhetoric in Italian colonial Libya and Albania, 1911—1943». *Journal of Tourism History*. Vol.4 Issue 3: 281-300.
- MACCANNEL, Dean. 1976. *The Tourist: a new theory of the leisure class*. Berkeley: University of California Press.
- MCLAREN, Brian. 2006. *Architecture and Tourism in Italian Colonial Libya, an ambivalent modernism*. Seattle: University of Washington Press.

- MCLAREN, Brian. 2004. «From Tripoli to Ghadames: Architecture and the Tourist Experience of Local Culture in Italian Colonial Libya». In *Architecture and Tourism. Perception, Performance and Place*. Medina Lasansky & Brian McLaren, Oxford & New York: Berg.
- MITCHELL, Timothy. 1998. «Orientalism and the Exhibitionary Order». In *The Art of Art History*. Editado por Donald Preziosi, 409-423. Oxford: Oxford University Press.
- PIRIE, Gordon. 2009. «Incidental tourism: British Imperial air travel in the 1930s». *Journal of Tourism History*, 1 (1): 49-66.
- RÉAU, Bertrand. 2011. *Les Français et les vacances. Sociologie des pratiques et offres de loisir*. Paris: CNRS Editions.
- SACAREAU, Isabelle. 2013. «Tourisme et Colonisation: Les *Hill Stations* Himalayennes de l'Empire Britannique des Indes (Darjeeling, Simla, Mussoorie, Nainital), (1820-1947)». In *Nouvelle Histoire des colonisations européennes (XIX^e-XX^e siècles)*. Editado por Amaury Lorin et Christelle Taraud, 91-102. Paris: Presses Universitaires de France.
- STEWART, Jill. 2004. «Performing Abroad: British Tourists in Italy and their Practices, 1840—1914». In *Architecture and Tourism. Perception, Performance and Place*. Editado por D. Medina Lasansky & Brian McLaren, Oxford & New York: Berg.
- TURNER, Louis e John Ash. 1976. *The Golden Hordes: International Tourism and the Pleasure Periphery*. New York: St. Martin's Press.
- VEBLEN, Thorstein. [1899], 2007. *The theory of the leisure class*. Oxford: Oxford University Press.
- WALTON, John. 2009. «Histories of Tourism». In *The Sage Handbook of Tourism Studies*. Editado por Tazim Jamal e Mike Robinson, 115-129. Los Angeles & London: Sage.
- ZYTNIICKI, Colette. 2013. » 'Faire l'Algérie agréable'. *Tourisme et colonisation en Algérie des années 1870 à 1962*. *Le Mouvement Social*, 2013/1 n.º 242: 97-114.